



Outono de 1950

Aqui estou eu outra vez. Afinal, tudo aconteceu ao contrário e os meus planos foram por água abaixo. O primeiro dia de aulas foi agitado. Ninguém sabia onde ficavam as salas, uns conheciam-se, outros não. Os mais velhos davam conselhos aos mais novos e eu... senti-me uma rainha no meio dos súbditos.

Mulher, era só eu! E estava muito gira. Isso pude confirmar na maneira como tentavam aproximar-se de mim. Mas não estava virada para apreciar os elogios. Procurava o António e não o via em lado algum. Quando, ao fim da manhã, me preparava para sair – só tivemos aulas de manhã –, qual não é a minha surpresa ao ouvir atrás de mim uma voz que dizia: «Mas que transformação espantosa. Quase não a reconhecia. Creio ser a altura de nos apresentarmos devidamente e irmos à Central da Baixa tomar um café. O que diz?»



Julgo que senti um choque eléctrico percorrer o meu corpo. Mas dominei-me e respondi que sim. As pedras da calçada que tínhamos de descer não eram adequadas à medida dos meus saltos. E ele aproveitou para me estender a mão, pegar nela e conduzir-me pelo caminho íngreme. E mesmo quando a calçada já era plana, as minhas mãos continuaram nas dele. Não fiz qualquer gesto para as libertar. Sentia-me, pela primeira vez, uma mulher de corpo e alma!

A conversa foi simples, sobre quem éramos, quem queríamos ser, o que fazíamos, do que gostávamos. Findo o café e sendo horas de almoçar, acompanhou-me até casa, bem perto dali, e despedimo-nos com um recatado beijo na cara. Foi quando me perguntou, tratando-me por tu, se podíamos jantar um dia. Respondi que jantar o meu pai não permitiria, mas almoçar era viável.

E assim ficou marcado o nosso primeiro encontro, a que vários outros se seguiram e que permitiram que a minha paixão crescesse na medida do encantamento pela sua cultura, pela experiência de vida, pelo seu trabalho junto de um ministro. Tudo me revelava a sua enorme qualidade. Estava feliz



e sentia que tinha o namorado que merecia. Nunca nos beijámos como fazem os namorados, mas as provas do seu interesse por mim eram permanentes e a Central passou a ser o nosso ponto de encontro.

Pouco falei do assunto quer à minha mãe quer ao meu irmão. Nem à Isabel me revelei. Mas o meu irmão andava a maçar-me para saber se aquela relação era um namoro ou não. E tanto me picou, que, um dia – lembro-o como se fosse hoje – à mesa da pastelaria, no nosso canto habitual, eu lhe fiz a malograda pergunta. Perguntei, sem papas na língua, o que era a nossa relação e se ela era ou não um namoro.

Seguiram-se uns segundos de silêncio e, pegando na minha mão com um sorriso, respondeu-me: «Madalena, ainda é cedo. Não queiras pôr a carroça à frente dos bois!»

Eu ouvi e senti que as lágrimas me podiam saltar a qualquer momento. Antes que tal acontecesse, levantei-me e, num tom calmo, disse: «Foste o primeiro e serás o último, juro-te, que tem a ousadia de me dar essa resposta. Esquece-me.»



E sem olhar para trás, dirigi-me para a rua e apressadamente entrei em casa. Debulhada em lágrimas, disse para mim própria que era o fim de algo puro, decente, respeitável. Não voltaria a acontecer! Eu sou feita de outra massa!



Final do Outono de 1952

Não é justo, passou mais de um ano e continuo ainda magoada por quem não devia ter o poder de o fazer. Só me culpo a mim própria, que não tenho tido a fortaleza de arrumar esta questão no baú do esquecimento onde deveria permanecer para sempre.

Pelo menos mudei exteriormente, fiz-me uma interessante mulher e com isso – que mediocridade a minha – consegui sentir-me mais segura e objecto de admiração e respeito por parte dos colegas. Andam vários à minha volta, mas isso é porque sou boa aluna e posso ajudá-los nas dificuldades que têm com a matemática. Quem havia de dizer que eu, que tinha tanto medo desta disciplina, me tornaria numa especialista na matéria!

Bom, sejamos justos, há quem me procure para outro fim, namoro ou amizade, não sei bem. Sei, sim, que lhes não dou



grande saída, porque o meu coração ficou, está, fechado. Não acredito nos amores desinteressados e não estou em condições de alimentar relações «só para ver o que dá». No entanto, confesso que, apesar de este o meu estado de espírito, um deles despertou a minha atenção. Chama-se Francisco e competimos nas notas. Creio que será de famílias de posses – o pai é administrador de uma grande companhia – e sei que tem um irmão mais novo.

Ignoro por que razão aqui falo dele. Talvez porque o seu olhar seja diferente dos outros e eu consiga vislumbrar nele um interesse desinteressado, já que não precisa de mim para nada. Vale tanto como eu. É amigo de alguns amigos que já fiz e as nossas conversas decorreram sempre nesse âmbito. Há dias perguntou-me se queria almoçar com ele. O meu «talvez» deixou o assunto em suspenso. Veremos se há renovação do convite.

Gosto de estar na universidade e começo a ser assediada por movimentos juvenis, nomeadamente a JUC – Juventude Universitária Católica – e o MUD – Movimento de Unidade Democrática, o que, no fundo, me faz sentir importante!



E com tudo isto o terceiro ano aproxima-se rapidamente, já que com as minhas classificações não tenho qualquer dúvida quanto à passagem. Sinto transformações em mim, mas é muito difícil explicá-las aqui. Sinto que algo novo se aproxima, mas não sei o quê...